

PROJETO LAÇOS DO ABC

MÓDULO SOBRE SEXUALIDADE

1ª Aula

Maria Aparecida Barbirato

mabarbirato@uol.com.br

Por que incluir este tema?

- Para compartilharmos uma **visão abrangente sobre o conceito de sexualidade**, escapando de um olhar reducionista sobre o tema.
- Para ampliarmos nossa **compreensão sobre o abuso e a violência doméstica ou sexual**.
- Porque, nesta visão, tanto a **sexualidade** quanto a **violência** estão **imbricadas na constituição de todo psiquismo**.
- Para **abrir novas possibilidades de ações** que favoreçam a prevenção e o enfrentamento do problema.

Roteiro desta aula

- Um pouco da história da sexualidade.
- Ampliação do conceito: a visão psicanalítica.
- Diferença entre natureza e cultura.
- Desenvolvimento da sexualidade.
- Pressupostos, Valores e Eixos do trabalho sobre sexualidade.

Para começar, um pouco de história.....

- Jurandir Freire Costa, numa leitura da obra de **Foucault** sobre a **história da sexualidade**, destaca que a noção de que nós somos originariamente divididos em **dois sexos** é uma idéia que começou a ganhar força cultural apenas a partir do **século XVII**.

A concepção da ciência galênica

- Antes disso, a medicina e a ciência galênicas, não tratavam as **diferenças sexuais anatômicas como uma dualidade.**
- Para a compreensão dessa época havia apenas **um sexo, o masculino.**
- E a **mulher** era o **representante inferior deste sexo**, não possuindo o calor vital suficiente para atingir a perfeição do macho.

Claudio Galeno

- Médico grego, do século II, que fez importantes descobertas sobre anatomia.
- Sua obra, que versava sobre a hipótese dos humores, teve grande prestígio até o período do Renascimento (séculos XV e XVI).

A concepção da ciência galênica

- A noção de sexo estava **subordinada** à idéia da **perfeição metafísica do corpo masculino**.
- A hierarquia sexual ia da mulher ao homem.
- E o sexo tinha como **referência** exclusivamente os **órgãos sexuais e reprodutores masculinos**.

O entendimento era o seguinte:

- A natureza havia feito com que a mulher não tivesse o mesmo calor vital que o homem, com a finalidade de que ela pudesse abrigar o esperma e os óvulos fecundados, sem destruí-los.
- **A frieza da mulher era necessária para a reprodução** pois, se ela fosse quente como o homem, o embrião poderia ser destruído.

As mulheres vaporosas

- **Quando a mulher aquecia muito**, ela não chegava ao estágio sexual do homem, ao contrário. Isso produzia **distúrbios nos seus humores** que subiam à cabeça, fermentavam e **geravam fenômenos patológicos**.
- Eram os chamados “**ataques de vapores**”, **doença psiquiátrica** comum às mulheres, sobretudo as aristocratas e burguesas da época.

Na ótica metafísica do calor vital e da perfeição do corpo masculino:

- **A mulher era definida como um homem invertido.** Tudo nela era para dentro.
- Seus ovários eram testículos internos.
- Sua vagina era um pênis interior.
- Seu útero correspondia ao escroto.
- Sua vulva era equivalente ao prepúcio.

A hierarquia galeno-platônica tinha como **pressuposto a unicidade sexual**

- **Aspecto**, aliás, **coincidente com as teorias sexuais infantis** que, frente às diferenças sexuais anatômicas, adotam a **ótica da primazia do falo**: Inicialmente supondo que todos os indivíduos têm pênis e depois classificando-os entre os que têm e os que não têm, **não concebendo a existência da vagina.**

O que levou à construção das idéias sobre a diferença dos sexos?

- Ainda segundo Foucault, **os ideais igualitários**, preconizados pela revolução burguesa, **precisavam justificar uma assimetria perene** entre homens e mulheres **que se sustentasse numa desigualdade “natural”**.

A construção cultural da diferença dos sexos

- Essa desigualdade foi localizada no sexo.
- A sexualidade feminina passou a ser definida como radicalmente diversa da do homem.
- E essa construção se deu por meio das produções científicas, morais, filosóficas e políticas da época.

Nas produções científicas

- Os estudos sobre os ossos tornaram-se tema de grande interesse e **concluíram que o crânio menor e a bacia pélvica maior da mulher**, em relação ao homem, **atestavam sua inabilidade para participar da vida pública** - por ser intelectualmente inferior - **e sua anatomia destinada exclusivamente para a maternidade.**

Essa idéia da inferioridade “natural” estendeu-se para os povos colonizados e as classes inferiores

- Os estudos sobre craniologia também atestaram a inferioridade óssea dessas populações.
- Do ponto de vista do tamanho do crânio diminuído, **à mulher assemelhavam-se os negros, as crianças e os delinqüentes, para a ciência da época.**

A construção dessa dicotomia tão radical entre os sexos:

- **Estabeleceu desigualdades morais e políticas** entre homens e mulheres, **com ressonâncias** vivas e presentes, **até hoje**, nas nossas crenças e valores sobre os atributos masculinos e femininos - **representadas nos estereótipos de gênero**, que transmitimos automaticamente de geração a geração.

Um outro elemento fundamental

- Para sustentar a construção social da diferença entre os sexos **foi a noção de instinto sexual**, que passou a definir e justificar o que era normal ou patológico em matéria de sexo.
- Dessa idéia, concebida sob a ótica evolucionista, surgiu também a **distinção conceitual entre heterossexual e homossexual**.
- Antes dessas duas concepções, tal classificação entre os seres humanos não seria possível.

No final do século XIX

- A diferença dos sexos já era uma idéia amplamente incorporada socialmente e **falar de homens e mulheres incluía necessariamente aceitar a divisão dos humanos em heterossexuais e homossexuais.**
- O homossexual era o indivíduo que **apresentava uma conduta desviante com relação ao instinto sexual** e a explicação para tal conduta era a de uma degenerescência.

O lugar do homossexual

- Passou a ser aquele que a mulher ocupava até o século XVIII, isto é, **passou a ser visto como** um homem invertido.
- Desde então, e em função dessa ótica de desvio do instinto, tenta-se entender as causas e os mecanismos dessa **conduta “desviante da sexualidade normal”**, com a finalidade de tentar corrigi-la.

A função social desses conceitos

- Derivou em normas morais, deles decorrentes, com o papel de sustentar as organizações então emergentes da família nuclear, dos estados nacionais e das políticas colonialistas.
- **Seu risco repousa em serem “naturalizados”.**
- E esse risco se agrava quando tais conceitos perpetuam preconceitos, discriminações ou exclusão daqueles rotulados como diferentes, desviantes ou inferiores.

Contribuição palestra Yara Sayão

- Sexualidade como fronteira entre o público e o privado.
- Porque é ao mesmo tempo singularidade e fruto do social.

Sexualidade é.....

A ampliação do conceito de sexualidade

- Freud foi o primeiro pensador, no início do século XX, a romper com a idéia criada nos dois séculos anteriores de que o sexo dos humanos tem, no instinto, seu único suporte referencial.
- Suas descobertas conceituaram a **sexualidade** como **algo muito mais abrangente do que o sexo – entendido como genitalidade – e descolaram-na da noção de instinto sexual.**

A ampliação do conceito de sexualidade se deve às postulações de Freud sobre:

- A sexualidade infantil.
- A pulsão sexual, como algo que extrapola o instinto.
- A sexualidade humana como algo que não se reduz à reprodução.

O conceito de sexualidade infantil:

- Quer dizer mais do que a expressão de excitações e necessidades genitais precoces.
- Quer dizer que os humanos, desde que nascem, buscam repetir experiências de satisfação (ex: sugar) para além de sua função instintiva ou exigência fisiológica(ex:nutrição).
- Essa busca de **repetir as experiências prazerosas** cumpre a **função de regular a caótica e fragmentada tensão interna**, configurando-se no **princípio constitutivo do psiquismo**.

O conceito de apoio

- Freud postula que o **primeiro tempo** deste movimento é determinado por necessidades de auto-conservação.
- E o **segundo momento**, que tenta repetir as experiências de satisfação, já ocorre descolado das necessidades vitais.
- **É sob essa ótica que postulará todas as fases do desenvolvimento sexual infantil.**

O desenvolvimento sexual infantil

- Passa a ser entendido como a **via régia da constituição do psiquismo e do desenvolvimento de cada sujeito**, na medida em que suas experiências de satisfação, assim como seus primeiros sentimentos de alguma unidade egóica, dependem necessariamente da presença, do contato e da ação de um outro ser humano.

O conceito de pulsão sexual

- Da mesma forma que Freud já havia afirmado que **o sujeito é muito mais do que sua consciência**, ao postular o conceito de Inconsciente,
- Ele propõe que **a sexualidade humana extrapola em muito sua expressão instintiva**, pervertendo os fins fixos e pré-determinados da auto-conservação e da preservação da espécie.

Instinto x Pulsão

- O **instinto sexual** é um comportamento pré-formado, característico de uma espécie, com um objeto (companheiro do sexo oposto) e um fim (união dos órgãos genitais no coito) relativamente fixos.
- Na **sexualidade humana** existem grandes variações quanto à escolha do objeto sexual e quanto ao modo utilizado para obter a satisfação.
- A **pulsão sexual** é energia errante e variável por definição.

A pulsão sexual

- É essa variabilidade da pulsão que confere à sexualidade humana – alicerçada nos caminhos abertos pela sexualidade infantil – a condição de ser sempre singular e de nunca poder ser totalmente satisfeita.
- Não fosse assim, nossa sexualidade estaria atrelada à função reprodutiva como nos animais, que acasalam apenas no período fértil de qualquer fêmea, para garantir a preservação da espécie.

A partir dessas postulações

- O conceito de sexualidade **infantil** deixa de ser entendido como um fenômeno exclusivo da **infância** - oposto à sexualidade adulta, madura e completa - para se constituir no protótipo definidor de toda sexualidade humana, caracterizada por ser sempre parcial, não plena e marcada pela incompletude.

É essa conceituação da sexualidade:

- Como resultado necessário da interação com outros seres humanos.
- Como expressão singular da subjetividade.
- Que a coloca no âmbito da cultura e da construção social.

Uma outra diferença importante

- **Entre os animais**, não existe qualquer regulação ou interdição com relação às práticas sexuais.
- Enquanto que em todas as **sociedades humanas** de que se têm notícia, existe sempre um código vigente que regulamenta o comércio sexual, cuja obediência e adesão inclui todos os seus membros.

A diferença entre natureza e cultura

- Para a antropologia, a diferença entre natureza e cultura é determinada pela interdição.
- Essa ciência identifica como **natural** tudo aquilo que é **constante e universal** para os indivíduos da espécie.
- Sendo o **cultural** caracterizado pelas **regras e normas** pertencentes aos domínios dos costumes e das instituições.

Sobre a proibição do incesto

- Segundo Levis Strauss, a proibição do incesto possui a universalidade do que é natural, mas enquanto regra é estritamente social.
- Essa universalidade faz do tabu do incesto não apenas uma espécie de síntese entre natureza e cultura, mas também o lugar privilegiado de passagem de uma à outra.

A regra exogâmica

- A lei natural determina que os filhos só podem ser produto de pais de sexos opostos, mas nada estabelece sobre a relação de aliança entre eles.
- A interdição do incesto **vai proibir que coincidam a relação de consangüinidade com a relação de aliança.**
- Essa regra tem como objetivo a sobrevivência do grupo, garantindo um sistema de troca com relação às mulheres.

Sobre o Complexo de Édipo

- A universalidade da interdição do incesto permite a Freud a teorização sobre o complexo de Édipo, que embora pareça, não é uma transposição da antropologia para a psicanálise.
- Na primeira, a mulher está colocada como objeto de troca.
- No segundo, está colocada enquanto objeto de desejo.

(Garcia Roza)

A função da interdição

- É a **aceitação das regras sociais** que nos inclui nos grupos em que vivemos e **nos insere na cultura.**
- É a elaboração da **interdição do desejo** que está em jogo no **complexo de Édipo** que **nos constitui como sujeitos.**

A noção psicanalítica de sujeito

- Se refere a uma pluralidade identificatória, construída e reconstruída interminavelmente por meio de identificações e desidentificações.
- Se refere mais a uma movimentação constante de redescrições de si mesmo e dos outros do que a um resultado pronto; mais a conflitos e vacilações do que a certezas cristalizadas.

Desenvolvimento da Sexualidade

As fases do desenvolvimento da
libido

Atividade com o Grupo:

- Sub-grupo 1: desenvolvimento 0 a 2 anos.
- Sub-grupo 2: desenvolvimento 2 a 4 anos.
- Sub-grupo 3: desenvolvimento 4 a 6 anos.
- Sub-grupo 4: desenvolvimento 6 a 10 anos.
- Sub-grupo 5: desenvolvimento 10 a 12 anos.
- Sub-grupo 6: desenvolvimento 12 a 18 anos.

- **Discutirem o desenvolvimento dessa fase, anotando suas principais características.**
- **E escolherem um objeto que a represente.**

O recém nascido

- Situação de **desamparo** com que todo bebê chega ao mundo.
- Situação de **total alienação ao outro**, pela dependência que se tem dele.
- **Violência primária**, necessária para a constituição do psiquismo, se refere ao que de traumático tem a presença enigmática do adulto para a criança.

Características de 0 a 2 anos

- Primazia da **oralidade**.
- Período da **dependência absoluta** (relação fusional com a mãe) e da **dependência relativa** (relação dual com a mãe).
- **Processo inicial da constituição do eu**, do sentimento de unidade e de integração.
- Pautado pelo **auto-erotismo** e pela constituição do **narcisismo**.

A função do brincar

- Brincar: vem do latim e deriva da palavra **vínculo**.
- Para Winnicott: a fonte da capacidade de brincar é a **relação de confiança**, estabelecida entre a mãe o bebê, na passagem da dependência absoluta para a dependência relativa do processo de desenvolvimento.

Características de 2 a 4 anos

- Primazia da **anuidade**.
- O controle dos esfínteres permitirá as primeiras experiências de **controle do próprio corpo e do mundo**, de reconhecimento e domínio da **primeira produção**.
- Se relaciona com a estruturação da autonomia.
- Passagem da **dependência relativa rumo à independência**.
- Passagem da **relação dual para as relações triangulares**.

Características de 2 a 4 anos

- A **autonomia crescente da criança**, pelo desenvolvimento da locomoção e da fala, pautarão, mais do que antes, a **importância da mãe abrir espaço para suas expressões singulares** e seu desenvolvimento como sujeito.
- A **violência secundária** se constitui quando a mãe não consegue sair do lugar de falar pelo filho quando ele já começa a poder falar por si.
- Instala-se aí um **modelo de tirania e de abuso**.

Relação de confiança X Relação abusiva

- É dentro da família que se instalam relações de confiança ou não.
- Relações abusivas: aquelas que recusam ao outro sua expressão própria, reduzindo-o a mero objeto do nosso amor ou do nosso ódio.
- Tornam a criança suscetível a abusos diversos.

Violência Social

- “Essa atuação familiar é, muitas vezes, o reflexo da violência social.
- Se os grupos extrafamiliares, nos quais o sujeito fará sua inserção, continuam reproduzindo essa violência, as possibilidades de sua transformação tornam-se muito restritas.”

Maria Laurinda Ribeiro de Souza
No livro “Violência”

Características de 4 a 6 anos

- Curiosidade sobre as **diferenças sexuais** e sobre a **origem dos bebês**.
- Agregam-se ao auto-erotismo e ao narcisismo o **estabelecimento das relações objetais**.
- Primazia da **fase fálica** e **vivência do complexo de Édipo**.

Características de 4 a 6 anos

- A possibilidade da **passagem de uma relação dual para a situação triangular** do complexo de Édipo também é possibilitada ou vetada pela mãe.
- E, depois disso, poderá ser afirmada ou recusada pelo pai.
- O **cenário favorável** para a elaboração do complexo de Édipo supõe **que tanto a mãe quanto o pai atribuam um lugar de sujeito para a criança.**

Infans x Sujeito

- Infans: do latim – aquele que não fala.
- Este período do desenvolvimento pré-genital da sexualidade é chamado de pré-história do sujeito, pela psicanálise.
- Será a elaboração da sua vivência edípica que lhe dará um lugar próprio, delimitando sua condição de sujeito.
- Sujeito sempre dividido pelos dois tempos do desenvolvimento da sua sexualidade.
- Passagem da palavra alienada no outro para a palavra própria.

Articulações com palestra da Marlene Iucksch

- Destaca três famílias bíblicas, para assinalar as vicissitudes e os desafios da condição humana.
- Três histórias exemplificando como nossos dramas e tragédias sempre foram os mesmos, desde Adão e Eva.

Caim e Abel

- Filhos da primeira família da humanidade.
- Eva teria dito que possuía seus filhos com Deus.
- Adão era apenas o genitor.
- Puramente objetos do amor da mãe.
- Sem referência paterna.
- Ao matar o irmão, Caim reafirma seu lugar de **possuidor absoluto da mãe**.

O sacrifício de Isaac

- Filho desejado de Sara e de Abraão.
- Abraão estava pronto a sacrificá-lo, como prova de seu amor a Deus.
- Simboliza a **fidelidade absoluta do filho ao pai.**
- Característica presente na violência doméstica e sexual (pacto de silêncio)

A venda de José

- Filho de Jacó e Raquel.
- O preferido do pai.
- Vendido pelos irmãos, para uma caravana que o levou para o Egito.
- Expressa o **ódio radical** dos irmãos preteridos pelo pai.

O julgamento de Salomão

- Duas mulheres disputam a mesma criança, ambas afirmando serem sua mãe.
- São levadas a Salomão, que deverá decidir com quem ficará a criança.
- Elege a mãe que prefere a criança viva.
- **Metáfora e contraponto ao modelo abusivo, que mata o outro como sujeito.**

Atividade com o Grupo:

Curta-Metragem canadense
“Kuprocó” (13’)

Sobre a palavra da criança

IMPORTANTE DIFERENCIAR ENTRE

- IGNORAR OU DESVALORIZAR
- ACREDITAR
- RECONHECER

Características dos 6 aos 10 anos

- Primazia do **período de latência**.
- **Tarefa de transformar o investimento libidinal** nos pais em identificação com eles.
- Agrupam-se por sexo, depositando no outro grupo suas vergonhas e desconfortos.
- Já diferenciam mais claramente realidade de fantasia e têm uma noção mais consistente sobre a permanência das coisas.
- A vida escolar e social ganham muita importância.

Na latência

- Desvio das pulsões sexuais para novas metas, por meio dos mecanismos de **sublimação**, de **formações reativas** e da sua transformação em **impulsos de afeição**.
- Com a transformação do investimento amoroso nos pais em identificações, a autoridade paterna é introjetada e a severidade com relação às regras e normas é comum neste período.

PUBERDADE - I

- É o período de transição da infância à idade adulta, caracterizado por suas **mudanças físicas**.
- Essas mudanças são intensas tanto para meninas como para meninos.
- As crianças pequenas se interessam por saber se, um dia, o seu corpo vai ser como o dos adultos.

PUBERDADE - II

- Nas meninas, o desenvolvimento dos seios, dos pelos pubianos e nas axilas, e das formas do corpo são sinais da puberdade.
- Nos meninos, o desenvolvimento do pênis, dos testículos, dos pelos pubianos e na axilas, os primeiros pelos da barba e do bigode, o alargamento do torax e a mudança da voz são sinais da puberdade.
- As funções sexuais e reprodutivas amadurecem durante a puberdade.

PUBERDADE - III

- Durante a puberdade as meninas começam a ovular e a menstruar e os meninos começam a produzir espermatozoides e a ejacular.
- Devido às mudanças rápidas em seus corpos, meninos e meninas sentem-se frequentemente desconfortáveis, desajeitados ou vaidosos na puberdade.
- O desejo sexual se intensifica com a ação dos hormônios sexuais.

PUBERDADE - IV

- É a partir da puberdade que o interesse por outras pessoas e o desejo de uma relação sexual com penetração começa a se manifestar.
- Uma das grandes preocupações do púbere é saber se o seu desenvolvimento “está sendo normal”.
- A compreensão das alterações geradas pela puberdade possibilita ao jovem enfrentar melhor as intensas transformações dessa fase do desenvolvimento .

ADOLESCÊNCIA - I

- É o processo correspondente às profundas **transformações psicológicas e sociais decorrentes das mudanças físicas da puberdade.**
- Essas transformações frequentemente são acompanhadas de alterações de humor, instabilidade emocional, questionamentos e conflitos.
- A transição da adolescência implica na elaboração do luto pelo corpo infatil, pelos pais da infância e pela identidade infantil.

ADOLESCÊNCIA - II

- Os processos da adolescência envolvem a busca de uma identidade autônoma, rompendo com os laços familiares de dependência infantil.
- Esse afastamento das figuras parentais é acompanhado de intensos sentimentos de isolamento, solidão e confusão. E representa o fim irrevogável do mais importante sonho megalômano infantil.
- A adolescência se instala quando começa a possibilidade de buscar novas relações objetais, com o abandono das posições narcísicas e bissexuais do período pré-genital.

ADOLESCÊNCIA - III

- A libido objetal dirige-se a novos vínculos, livrando-se dos objetos incestuosos, e a busca de satisfação desloca-se do eu para esses novos objetos.
- O afastamento das figuras parentais é comparado com a separação que ocorre quando o bebê adquire a noção de eu x não-eu, no período do desmame – na fase da dependência relativa.
- Se lá a legenda era EU SOU, aqui a legenda é QUEM SOU EU?

ADOLESCÊNCIA - IV

- Como o superego é o herdeiro das identificações parentais, e neste momento há um afastamento dessas imagens, o superego se enfraquece neste período deixando o ego “sem orientações”.
- Os principais mecanismos de defesa que o ego lança mão para dar conta dos imperiosos desafios pulsionais deste período são: a racionalização, a projeção e a sublimação.

ADOLESCÊNCIA - V

- A **racionalização**: numa tentativa de ordenamento externo, num contraponto deslocado e decorrente do caos interior.
- A **projeção**: encenando fora e no outro o drama ao qual se sente submetido internamente.
- A **sublimação**: utilizando a energia sexual para fins não diretamente sexuais, o que possibilita a descoberta de habilidades, competências e talentos, fortalecendo o ego com novos interesses e novas possibilidades identificatórias.

ADOLESCÊNCIA - VI

- Neste período de mudanças intensas e de indefinições, o **grupo de pares** e variados outros referenciais externos cumprem um importante papel de **ego auxiliar**, na constituição da identidade pessoal, sexual e social do adolescente.
- As descobertas na busca de quem ele é supõem incontáveis reconhecimentos do adolescente sobre **ISSO NÃO SOU EU**.

O PAPEL DOS ADULTOS - I

- Não é fácil para os pais acompanharem as mudanças que ocorrem com seus filhos na adolescência.
- O crescimento dos filhos também aponta para a elaboração do luto pela própria juventude, assim como pela perda do lugar de autoridade inconstetável e de idealização, frente ao filho adolescente.

O PAPEL DOS ADULTOS - II

- Também neste período, é fundamental que os adultos respeitem a singularidade do adolescente, o que não significa abandoná-lo à sua própria sorte.
- Como em qualquer etapa do desenvolvimento, uma atitude de estima e respeito por parte do adulto, evitará que ele imponha à criança ou ao adolescente mais dificuldades e restrições do que aquelas já inevitáveis ao processo de desenvolvimento.

O ADOLESCENTE PRECISA - I

- Ser reconhecido como jovem e ser levado à sério.
- Sentir-se livre e ao mesmo tempo acompanhado na descoberta do mundo.
- Contar com interlocutores que o instiguem a pensar e a fazer suas próprias escolhas.
- De liberdade e de cuidados e limites.
- De um espaço mais amplo que a família para desenvolver sua identidade.

O ADOLESCENTE PRECISA - II

- Transgredir e contestar. Para descobrir quem é, começa por identificar quem não é.
- Que os adultos evitem permanecer em situações de rivalidade com ele, favorecendo assim as negociações de todos os interesses em jogo.
- Que os adultos não desistam dele, que mantenham a esperança de que ele será capaz.

A FASE GENITAL - I

- É desencadeada pelas **transformações físicas e psicológicas** relacionadas ao amadurecimento dos órgãos sexuais.
- Implica na **articulação das pulsões** parciais das fases **pré-genitais sob a primazia da genitalidade.**
- Articula e integra o prazer com a possibilidade da reprodução.

A FASE GENITAL - II

- A **polaridade aqui é masculino x feminino**, o que significa a aceitação da diferença dos sexos e portanto da sua incompletude.
- As **relações de objeto** características da fase genital são aquelas que **se assentam na diferença**: eu vejo o outro como tendo algo a me oferecer que eu não tenho e vice-versa. E para que isso ocorra é preciso avançar na questão do narcisismo.

Polaridades do desenvolvimento libidinal pré-genital e genital

- Fase oral: eu x não eu / sujeito x objeto
- Fase anal: atividade x passividade
- Fase fálica: fálico x castrado
- Fase genital: masculino x feminino

Adolescência como construção social

- Constituída como conceito há um século.
- Configurada como ideal social nos últimos 50 anos.
- Delimita este período como uma moratória para a inserção social.
- Engendra dois paradoxos: enquanto ideal social, quando termina? E por que sair dela?
- Enquanto moratória: como crescer sem experimentar?

Contardo Calligaris

Desafio da mudança de paradigma

***O ADOLESCENTE SER RECONHECIDO
COMO SUJEITO DE DESEJOS, DE
DIREITOS E TAMBÉM COMO SUJEITO DE
DEVERES E DE RESPONSABILIDADES.***

Sobre a dificuldade dos adultos em abordar o tema com crianças e com adolescentes

- A curiosidade e as manifestações sexuais das **crianças** são em geral ignoradas pelos adultos, por entenderem que esse assunto não lhes diz respeito – (confundindo sexualidade com genitalidade)
- Uma das principais resistências à abordagem do tema com **adolescentes** reside no temor de que esta atitude irá estimular sua atividade sexual.

Sobre a importância de falar sobre o tema

- Legitima a curiosidade e o desejo de saber.
- Reconhece e autoriza suas sensações, percepções e sentimentos.
- Favorece o estabelecimento de relações de confiança.
- Cria canais de comunicação para que peçam ajuda, quando necessitem.
- Reduz sua vulnerabilidade ao abuso e à violência sexual, dentre outras, ao abrir espaço para este tema, estimulando seu desenvolvimento e sua autonomia.

Motivos que têm “legitimado” a abordagem do tema

- A epidemia da aids.
- A gravidez na adolescência.
- O abuso e a violência sexuais.

Pressupostos Metodológicos

As ações, com qualquer faixa etária:

- Consideram sempre as demandas da criança ou do adolescente.
- Baseiam-se sempre em valores pluralistas.
- Diferenciam essa intervenção da função da família.
- Demandam a capacitação dos educadores, para a adoção da postura adequada a este trabalho.

Pressupostos Metodológicos

- A **instituição** deve abrir espaço para o tema e consolidar um canal de comunicação confiável entre a equipe e com as crianças e/ou adolescentes.
- A abordagem **com as crianças** é pautada por suas perguntas ou pelos jogos sexuais infantis.
- A abordagem **com os adolescentes** é pautada pelo diálogo acerca dos temas de seu interesse.

Pressupostos Metodológicos

- Os pais devem ser informados sobre essas ações educativas da instituição.
- Sua compreensão sobre esta iniciativa pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família.

É desejável que se envolvam com este trabalho

Aqueles profissionais que tenham:

- Interesse pelo tema.
- Flexibilidade para questionar seus próprios valores e preconceitos.
- Bom trânsito com as crianças e adolescentes.
- Disposição para serem perguntados.

Eixos do trabalho

- Corpo: matriz da sexualidade.
- Relações de gênero.
- Prevenção.

O Conceito de Vulnerabilidade

- Foi emprestado da nomenclatura adotada no contexto dos Direitos Humanos.
- Quem fez este deslocamento de sentido foi Johnattan Mann, médico norte-americano, na tentativa de dar respostas à epidemiologia da aids.
- Veio em substituição aos conceitos anteriores de grupo de risco e comportamento de risco, que não deram conta dos desdobramentos da história desta doença.

O conceito de vulnerabilidade articula três âmbitos

- O **âmbito pessoal**: se refere àqueles aspectos da vulnerabilidade e do risco que estão nas nossas mãos e que ninguém poderá fazer por nós.
- O **âmbito institucional**: se refere aos recursos que estão disponíveis numa comunidade, relativos a um assunto ou problema.
- O **âmbito social**: se refere às condições sociais mais gerais da sociedade, com relação a esse assunto ou problema.

Estratégias e alcances das ações preventivas

- O conceito de vulnerabilidade **define** os tipos de estratégia, assim como os alcances e os **limites** dos variados âmbitos da prevenção.